

### Resenha

**Devoções, Devorações e Sedações em Tempos de Iconofagia**  
(BAITELLO JR. Norval. A Era da Iconofagia. Ensaios de comunicação e Cultura.  
São Paulo: Hacker Editores, 2005.)

Hiran de Moura POSSAS<sup>1</sup>

A multiplicação exacerbada de imagens é o mote do exercício epistemológico empreendido pelo professor e pesquisador Norval Baitello Jr<sup>2</sup> em **“A Era da Iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura”**. Verdadeiras máquinas de imagens estão presentes em diversas situações socioculturais, gerando uma sensação ou miragem de proximidade entre as pessoas: “Quanto mais se quer expor, mostrar, tornar visível, tanto mais se consegue apenas aparentar, esconder, simular ou ofuscar” (BAITELLO, 2005, p.21)

Essa releitura da Antropofagia aponta para um banquete pelo qual um refluxo sígnico é processado. Depois de criadas, as imagens passam a nos capturar, imobilizar, petrificar. Por medo, principalmente da morte, “inflamos os signos, símbolos e as próprias imagens, para que nos protejam como escudos. E passamos a viver dentro da armadura dos signos e símbolos, as imagens de corpos” (Ibidem, p. 23).

Dependentes das imagens, crianças, adolescentes e adultos assumem comportamentos e gestualidades mecânicos. Os adultos se juvenilizam, enquanto as crianças estão sendo obrigadas, desde cedo, a tomar decisões prematuras: “[...] os mais recentes meios eletrônicos franquearam a adolescentes e crianças as portas de acesso a mundos de inimaginável complexidade e incalculável risco, a conteúdos de sedução inconsequente, a relatos e documentos imagéticos sobre fatos ou práticas assustadoramente cruéis” (Ibidem, p. 27).

Sedados e domesticados pelas imagens “ao invés de as imagens nos alimentarem o mundo interior, é o nosso mundo interior que vai servir de alimento para elas, girar em

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação e Semiótica PUC/SP.

<sup>2</sup> Professor e pesquisador do Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e foi professor convidado nas Universidades de Viena, Sevilha, de Évora e Autônoma de Barcelona e São Petersburg.

torno delas, servir de escravo para elas" (Ibidem, p. 35). Quando pensamos que estamos nos servindo das imagens, são elas que se fartam de nossos corpos.

Corpos frios<sup>3</sup> são sedados pelas escolas, pelas igrejas e pela indústria do entretenimento. Nosso “bicho carpinteiro” experimenta a passagem de homo sapiens a homo demens<sup>4</sup>, sintoma de uma moléstia típica das culturas contemporâneas: “estaremos caminhando para uma sociedade [...] um horizonte obscurecido pelas excessivas luzes dos holofotes de um falso presente [...]” (Ibidem, p. 30)

Contextualizando essa promíscua existência humana, Baitello procura em algum lugar, o diálogo outrora existente entre pais e filhos; o convívio direto entre as mídias primárias, esquecidas pela existência de uma sociedade cada vez mais dedicada a viver tempos de tecnicismo. Essa comunicação primordial está em baixa e ofuscada pelas comunicações humanas insistindo em privilegiar os sentidos pautados na distância: audição e, sobretudo, a visão.

Citando a “pequena” narrativa de Walter Benjamin<sup>5</sup>, Baitello nos lembra da importância da voz e do calor das mãos maternas, as mídias primordiais que massageiam. A criança doente de Benjamin só inicia o seu processo de cura quando faz parte, interage e narra o ritual sógnico-carinhoso empreendido por sua mãe.

Além dos fatores biológicos dos quais estamos expostos, essa hipertofria da comunicação promovida pelas imagens gera e estimula certa violência contra a integridade física e cultural de nossos corpos. Perdemos a sensibilidade de apreender o presente, o aqui e agora. Exoneramos nossos corpos em favor das imagens projetadas para nós mesmos.

Recorrendo ao pesquisador Ivan Bystrina<sup>6</sup>, Baitello cita a coexistência de uma segunda realidade, aquela projetada por linguagens acústicas, gustativas, tácteis, proprioceptivas e visuais. Pelo imaginário, a humanidade tenta superar seu maior obstáculo - a morte - criando imagens, mundos paralelos e ficcionais: “Assim, o mundo da cultura possui esta característica: cria seres que atuam sobre os criadores” (Ibidem, p. 48).

---

<sup>3</sup> Utilizo a terminologia do pesquisador Richard Sennet utilizada em sua obra “Carne e Pedra”.

<sup>4</sup> Termo insistentemente utilizado por Edgar Morin, em suas pesquisas, adjetivando as inconstâncias da humanidade.

<sup>5</sup> Semioticista alemão dedicado aos estudos do imaginário.

<sup>6</sup> Filósofo e jornalista alemão de origem judaica

Pelo olhar profético de Flusser<sup>7</sup>, Baitello nos diz que as imagens roubam nossa vida e a vontade de nossos olhos, impondo uma participação minoritária de nossos corpos: “E das imagens foram feitas imagens que reproduzem outras imagens de pessoas, portanto eco de pessoas” (Ibidem, p. 53).

Na Iconofagia, o consumo nos consome. Somos possuídos pelos deuses que geramos, pelas ideias que cultivamos e pelos gestos, experiência tratada por Gunter Anders<sup>8</sup> como “Canibalismo Pós-Civilizatório”, impondo vida sem matéria, sem massa, sem volume.

Baitello percebe historicamente nosso corpo submetido a um longo e duro processo de domesticação, principalmente na civilização cristã, mestra na construção de corpos-bomba sujeitos a micro explosões diárias. Talvez seja preciso compreender que: “A mídia é muito mais ampla do que o jornal, o rádio, a televisão, a internet. É muito anterior a eles. Qualquer um deles simplesmente não exercia sua função comunicativa se não houvesse sempre um corpo numa ponta e um corpo na outra ponta de cada um desses processos”. (Ibidem, p.62)

Nossos contadores de “causos” são a melhor representatividade de uma minoria de corpos-concretudes gerados pelo movimento, pela ação e pela expansão das fronteiras em todas as direções em busca de reagir às conquistas e ocupações invasivas das imagens.

Um verdadeiro trabalho arqueológico é necessário tendo como foco a complexidade do corpo, pois, como exemplos, a respiração, a temperatura, a vibração das cordas vocais, os choros, a postura da cabeça, o andar e o movimento dos ombros sinalizam vidas e culturas,: “A necessidade de estabelecer vínculos amistosos com estranhos, dominando a sua própria agressividade termina por modificar o sistema comunicativo do homem, levando-o a mediações sofisticadas de suas mensagens básicas de amor e ódio”. (Ibidem, p.72)

Essa obsessão ou triunfo dos olhos sobre os outros sentidos não suprime nem anula a existência das mídias primárias, mas sem dúvida determina a ocupação dos espaços humanos pelas imagens: “Alimentar-se de imagens significa alimentar imagens,

---

<sup>7</sup> Ensaísta tcheco-brasileiro dedicado também aos estudos das imagens técnicas.

<sup>8</sup> Jornalista, filósofo e ensaísta alemão.

conferindo-lhes substância, emprestando-lhes os corpos. Significa entrar dentro delas e transformar-se em personagens” (Ibidem, p.97)

Somos induzidos a nos tornar imagens antes mesmo de nos considerarmos pessoas, graças à saturação do olhar e do desprezo aos “primos pobres” dos códigos da comunicação. A cultura do ouvir e a dos outros sentidos precisam ser novamente estimuladas e estudadas, para que possamos descarregar a carga furiosa e devoradora das imagens.

Viver nesse espaço nulodimensional parece ser uma tarefa hercúlea para os dias atuais, mas Norval Baitello Jr., sem a pretensão de oferecer soluções ou certezas acadêmicas, mostra que a história é feita de “comilância”, incluindo, na maioria das vezes, a humanidade como prato principal: “quanto mais nos tornamos invisíveis, mais invisíveis estaremos nos tornando. Quanto mais inflarmos as imagens, mais estaremos contribuindo para que o outro não nos veja mais, para que ele se torne cego ou insensível” (Ibidem, p.107).